

A mídia e a discriminação sofrida pelo movimento pró-vida

Ivanaldo Santos
Filósofo (ivanaldosantos@yahoo.com.br)

Uma das máximas da sociedade contemporânea e a questão dos movimentos sociais. Não é intenção desse pequeno artigo discutir o conceito e a finalidade desses movimentos. Entretanto, é bom deixar claro que atualmente a sociedade oficialmente incentiva que os movimentos sociais defendam suas reivindicações e que elas sejam apresentadas e debatidas pelo grande público. Além disso, cobra-se constantemente do Estado que desenvolva políticas e ações concretas para atender as reivindicações desses movimentos.

No mundo e no Brasil há um forte movimento social que conta com amplo apoio da população. Trata-se do movimento em defesa da vida, principalmente da vida mais frágil, ou seja, do bebê ainda no ventre da mãe. Justamente a forma de vida que não pode se defender de qualquer ataque a sua integridade física e mental.

No Brasil o movimento em defesa da vida conta com uma grade rede de pastorais e ONGs (Organizações Não Governamentais). Entre as organizações que compõem esta rede citam-se: Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família, Pró-Vida de Anápolis, Movimento Brasil Sem Aborto, Campanha Nascer é um Direito, Direito de Nascer e outras.

Além disso, uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, publicada com exclusividade no jornal *Folha de São Paulo* de 07 de outubro de 2007, constatou que nos últimos anos aumentou de 61% para 71% o número dos brasileiros que acham que a prática do aborto é “muito grave” e que hoje apenas 3% dos brasileiros pensam que o aborto é moralmente aceitável. Na prática apenas 97% dos brasileiros são, direta ou indiretamente, contra a prática do aborto.

Na última semana, no período de 06 a 10 de fevereiro de 2008, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) lançou a Campanha da Fraternidade (CF-2008), cuja proposta é debater sobre os ricos que a vida humana esta correndo no atual modelo de sociedade, principalmente a vida mais frágil, ou seja, a vida do bebê ainda no

ventre da mãe. Houve em todo país debates, palestras, cerimônias e muitos protestos contra as tentativas de legalização do aborto. Neste período, o país fervilhou de manifestações a favor da vida. Foram diversos tipos de manifestações, desde grandes concentrações humanas em praças e igrejas até manifestações isoladas em pequenas cidades do interior.

Apesar de todas essas manifestações a grande mídia nacional e também internacional não divulgou as reivindicações do movimento social pró-vida. A grande mídia simplesmente ignorou o movimento pró-vida. Esta não é a primeira vez que isto acontece. No ano passado, no dia 15 de agosto de 2007, uma marcha nacional realizada pelo movimento pró-vida encheu Brasília, a capital federal, de manifestantes e militantes pró-vida. O problema é que não saiu uma única nota na grande mídia. Se um extraterrestre chegasse a terra e visse a programação das TVs e dos demais veículos de comunicação pensaria que no Brasil não existe nenhum movimento que defenda a vida humana e principalmente a vida mais frágil.

Como se pode ver há um claro boicote da grande mídia para as reivindicações do movimento pró-vida. Além disso, a mesma mídia que boicota o pró-vida dá grande abertura ao movimento que defende a morte, especialmente o movimento pró-aborto. No ano passado, em 07 de setembro de 2007, uma manifestação pró-aborto no centro da cidade de São Paulo reuniu um pequeno grupo de 30 ativistas pró-morte. O número exato desses ativistas é 30. O interessante é que a grande mídia mostrou intensamente esta manifestação. Saiu reportagens em todos os jornais, telejornais e revistas de grande circulação no país. Entretanto, a marcha pró-vida, em 15 de agosto de 2007, reuniu mais de 10 mil pessoas e não houve reportagem alguma. No período de 06 a 10 de fevereiro de 2008 houve uma série de manifestações em todo o país e, mais uma vez, não houve reportagem alguma.

Diante do boicote que a grande mídia faz ao movimento pró-vida questiona-se o direito que os movimentos sociais possuem de defenderem suas reivindicações e das mesmas serem apresentadas e debatidas pelo grande público. A sociedade está repleta de movimentos sociais (negros, mulheres, gays e outros). Todos possuem alta visibilidade na grande mídia e, ainda por cima, cobra-se constantemente do Estado que desenvolva políticas e ações concretas para atender as reivindicações desses movimentos.

Entretanto, com o movimento pró-vida é diferente. Este movimento é claramente discriminado pela grande mídia. Os membros e ativistas desse movimento são

classificados de “ultrapassados”, “conservadores”, “retrógrados” e outros adjetivos semelhantes. Diante da clara discriminação sofrida pelo pró-vida fica patente que a grande mídia não é democrática. Ela defende os interesses dos movimentos sociais que lhe agradam. Os movimentos que, de alguma forma, conseguem agradar a grande mídia, conseguem visibilidade. Como o movimento pró-vida é composto, em sua essência, pelo povo termina sendo esquecido e abandonado pela pelos veículos de comunicação.

Apesar da clara e oficial discriminação sofrida pelo movimento pró-vida seus militantes e ativistas não devem desistir da luta. A derrota do movimento pró-vida representará a derrota definitiva do gênero humano. Atualmente, discute-se muito sobre as ameaças a vida. Essa discussão perpassa temas como, por exemplo, a poluição, a crise ambiental e a ameaça atômica. Entretanto, pouco ou quase nada se discute sobre o perigo que representa o aborto para o presente e o futuro da humanidade. É tarefa do movimento pró-vida realizar essa discussão, mesmo que ela não aparece na grande mídia. É preciso denunciar o caráter desumano do movimento pró-morte, especialmente daqueles que lutam para destruir o feto, justamente a parte mais frágil da humanidade.